Numero 155, que acho a 19 de Julho de 1903.

SUL-AMERICANO

ORGAM IMPARCIAL

Estado de Santa Catharina — Redacção: Rua Trajano n. 10 B

ANNO IV | Propriedade de uma Associação | Florianopolis, 15 de Outubro de 1902 | Redactores Diversos | NUM. 15

Lagrimas

Do seio da sociedade catharinense acaba de desapparecer para sempre um varão cujas virtudes eram por todos nós reconhecidas, e cujo cultivo intellectual debalde a sua natural modestia tentava encobrir — Manoel Bernardino Augusto Varella.

Já no ultimo quartel da vida, apraziase ainda vendo o culto prestado ás lettras patrias pela moderna geração; acompanhava com vivo interesse os admiraveis progressos em todos os ramos de conhecimentos, e mais de uma vez lançou ainda mão da penna para comnosco tomar parte nas pacificas lições da imprensa.

Teria podido occupar elevados cargos na administração do paiz, pois para isso não lhe faltava competencia; mas Bernardino Varella preferiu viver sempre na penumbra como modesto amanuense da antiga secretaria de policia, cargo este em que desde alguns annos fôra aposentado.

Lutando sempre com as difficuldades da vida, deixa elle agora a sua familia na pobreza de dinheiro, mas rica de um nome honrado e respeitado por todos os seus concidadãos, — herança que o tempo jámais poderá consumir.

Paz á memoria de tão digno servidor da Patria!

J. B.

Manoel Bernardino Augusto Varella

Um companheiro de trabalhos, um companheiro de luctas, que pelo caracter impollucto, pela severidade de costumes servia-nos de exemplo, acaba de desapparecer do scenario da vida.

Manoel Bernardino Varella, que em toda a sua existencia jamais commettera um acto menos digno, jamais fôra contra os dictames da sua esclarecida razão, baixa á campa, deixando a familia na mais extrema pobreza.

Empregado publico — prestara á nação com toda a dedicação, com toda a honestidade, com toda a lealdade, 33 annos de serviços, que não foram devidamente aquilatados pelo governo de sua patria.

Aposentado com exigua quantia — elle, que durante a sua vida publica fizera da probidade uma religião, passara duras privações, em companhia da familia, hoje a braços com a pobreza.

Cultor das letras, desde bem tenros annos collaborara na imprensa periodica da sua terra, occupando saliente logar.

A poesia amenisava as agruras de sua existencia, era com a musa que elle procurava distrahir-se.

Baixando agora á campa — nós lamentamos a ausencia do bom companheiro, do bom amigo, do bom cidadão, exemplo de todas as virtudes e grandezas d'alma.

J. D.

BERNARDINO VARELLA

Na soturna necropole, mais uma cova aberta; no mundo dos vivos, mais um claro, difficillimo de preencher!

Não ha muitos homens da tempera de Bernardino Varella, que associava ao talento e ao saber a pratica das virtudes civicas e christãs.

Amanuense da secretaria de policia desta capital, serviu com inteira lealdade em todas as situações politicas, tendo merecido de todos os seus chefes os maiores encomios.

Victima da excessiva modestia, nunca passou de amanuense, tendo recusado importantes cargos, para os quaes lhe sobravam habilitações.

Exerceu, com todo o zelo, o cargo de sub-delegado de policia, tendo prestado relevantes serviços á sociedade catharinense.

Tinha trato com as musas, falava e escrevia com fluencia.

Foi collaborador das folhas «A Esperança,» «O Artista,» o «Operario» e o «Sul-Americano.»

Apezar de pauperrimo, viveu mais feliz do que aquelles que sacrificam no altar do deus Dinheiro; porque em seu nobre coração jamais abrigou a sordida cobiça!

Morreu soavemente, como só em morrer os justos, tendo sido sempre rodeado de parentes e amigos.

Entre as senhoras que o acompanharam desde o começo da enfermidade até o ultimo transe, destaca-se a Senhora D. Rosa Servita de Santiago, e entre os cavalheiros, o Rev. Sr. Vigario Francisco Topp e o Sr. Egydio Noceti, que velou-lhe á cabeceira, exercendo o mister de zeloso enfermeiro, e tomou as necessarias providencias para o enterramento dos despojos mortaes do illustre finado.

A' alludida senhora e aos alludidos cavalheiros dou aqui publico testemunho da mais viva gratidão, associando os meus sentimentos aos de todos os parentes de Bernardino Varella.

A. P.

Bernardino Varella

Mais um astro de primeira grandesa que a meio seculo projectava seus raios luminosos no vasto campo da litteratura catharinense, escondeu-se por entre os nevoeiros da eternidade.

Fatalidade!...

Bernardino Varella, por todos conhecido, nasceu, viveu e morreu muito pobre, porém envolto no manto sacrosanto da honradez, porque esse era o maior dote que ornamentava seu bem formado coração, d'onde extravasavam-se as mais elevadas e sublimes acções.

Dotado d'uma alma grande e generosa, luctando sempre em processo oceano de contrariedades, mesmo assim dos seus puros labios nunca desprenderam-se palavras, maldizendo se da negra sorte, nem manifestava aos amigos as duras privações que passava, quando o seu physico denunciava os martyrios de uma existencia tortusosa.

Amigo que fui do illustre morto, curvo-me reverente deixando assignalado n'estas linhas o respeito e a amizade, que consagrava a Bernardino Varella.

TH. CARDOSO

NECROLOGIA

A 12 do corrente mez, á 2 horas da tarde, falleceu de lesão cardiaca, na edade de setenta annos, o cidadão Manoel Bernardino Augusto Varella, amanuense aposentado da secretaria de policia desta capital.

O sahimento realizou-se a 13, ás 4 horas da tarde, com grande acompanhamento, fazendo-se ouvir durante o trajecto, a excellente banda «Philarmonica Operaria».

Seguraram as alças do caixão varios amigos e as commissões: da S. B. «Liga Operaria», do C. L. «Cruz e Souza» e do «Sul-Americano».

Junto ao tumulo, foi proferida uma eloquente allocução pelo Sr. Lydio Martins Barbosa, digno 1º orador da «Liga», que salientou os dotes intellectuaes e moraes do illustre morto, bem como os serviços por este prestados, já como funccionario, já como Mentor da mocidade estudiosa.

Em nome desta redacção, o nosso distincto collaborador Wenceslau Bueno pronunciou, muito commovido, as seguintes palavras:

«Em nome do *Sul-Americano*, vénho soluçar junto a este sepulcro!

Lugubre sepultura! guarda o grilhão que prendia um espirito justo!

E vós, ó jovens corações que me ouvis, guardae o nome de Bernardino Varella, a personificação da modestia e da probidade!

Neste momento, a razão entra em lucta com a sensibilidade: a razão folga, porque um espirito elevado, solto do grilhão da materia, voou para a região serena, onde se mantém a Suprema Justiça e onde não entra a vaidade; a sensibilidade chora, por ser eterna magoa o eterno apartamento!

Amigo Varella, boa noite!

Boa noite-eterna!»

—

Contando 70 annos, falleceu a 11 nesta capital o respeitavel cidadão Manoel Francisco da Costa.

Paz á sua alma e pezames á desolada familia.

—

Na visinha cidade de S. José, falleceu o cidadão Alexandre Ramos, irmão do nosso amigo Marcolino do Nascimento Ramos.

Pezames.

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

VERSOS

A' memoria de Manoel Bernardino Augusto Varella

I

Fôra pobre, sincero, fôra honesto;
em toda a sua vida foi modesto,
alma sem ambição!
Servira á patria com toda a lealdade,
mas em paga de tanta probidade,
—tivera a ingratidão!

II

Amara o solo em que nascêra; amara
a terra que com zelo bem guardàra
os seus progenitores.
Tinha orgulho de ser catharinense,
e no seio do povo desterrense
—tinha admiradores!

III

Morreu pobre... baixára á sepultura
legando á nós e á geração futura
um nome immaculado:
—nome que ha de ficar na patria historia
envolto no clarão vivo da gloria
—e sempre abençoado!

14—10—902 *Simonides*

Fructas do Brazil

Acaba de ser publicado na capital federal, o relatorio apresentado ao governo da Republica, pelo dr. Antonio Fontoura Xavier, consul geral do Brazil em Nova York.

Na impossibilidade de publicarmos todo elle, como desejavamos afim de que os nossos leitores conhecessem a grande quantidade de productos brazileiros, exportados para aquella parte da America do Norte—transcrevemos adiante um trecho desse relatorio julgando prestar assim, um serviço ao commercio exportador do nosso Estado.

O poeta das *Opalas*—o fino artista—como disse Affonso Celso—que consegue apprehender umas nuances indefiniveis de raros sentimentos e as sabe concretisar em poemas subtis, ricos de singulares palpitações—diz em seu relatorio: «fôra para desejar que se fizessem conhecidas, tanto aqui como na Europa, varias fructas brazileiras que não teem competidoras em outros paizes, como os nossos abacaxis do norte e as varias qualidades de bananas que produzimos. Cito propositalmente estas duas especies, não só porque são vendidas por bom preço, como tambem porque se me afiguram de sahida facil, principalmente nos portos onde tocam os vapores da carreira regular. Bem sei que os nossos Estados, com excepção de Santa Catharina, que exporta grande quantidade de bananas para o Rio da Prata, não estão preparados para começarem logo esse negocio em grande escala, mas a principio não é tambem possivel fazer grandes embarques antes de tornar o genero conhecido e procurado. Por isso mesmo qualquer quantidade serve para principiar.

O commercio de fructas, na escala em que o podemos fazer, não é para desprezar, pois neste paiz, cujo clima não se presta tanto como o nosso ao cultivo, elle sobe a 101.366:821$980 por anno. A importação em 1901 foi de mais de £6.000:000$000, dos quaes só a de bananas elevou-se a cerca de 12.810:000$000.

Aos que resolverem fazer essa experiencia, estou prompto a indicar as casas de commercio, ás quaes podem mandar as primeiras consignações.»

PANTHEON CATHARINENSE

XIV

Juvencio Martins da Costa

DESGRAÇA

A meu collega F. Paulino da C. Albuquerque

No immenso pégo
Mais uma gota d'amargor que importa?
Que importa o fél na taça do absynthio.
Ou mar de dor e mais onde outras reinão?
(Gonçalves Dias)

Inda sou joven! reneguei da vida!
Amei e meu amor foi sò loucura...
Era um anjo, rubor tinha nas faces,
Era typo gentil de formosura.
A fera parca lhe cortou seus dias...
E inda vivo no mundo... e soffro e choro!
Sou barco sem ventura e desditoso...
Minh'alma é pranto... compaixão imploro!
Morreu tão cedo, na manhã da vida,
N'alma deixou-me retinto ardor...
Nasci gemendo... tive amor outr'ora.
No presente só magoa e dissabor!
O presente que è dor murchou-me os lyrios
Da grinalda gentil dos meos amores!
Colhi amenas rosas no passado..
No futuro? quem sabe? espinhos e dores.
Tão criança! que fogo lento, vivo
Me queima o peito já desfallecido
De saudades que esse anjo me deixára
Neste chão de amarguras—ementido!
Breve se evaporou meo lindo sonho
Ao correr desta vida enfastiada
Nem uma flor me resta do passado
Myrrada do album seu tão decantada.

1867

TRES CATHARINENSES

Pelo governo da Republica acabam de ser distinguidos, pelos serviços prestados á nação, tres distinctos catharinenses. E são elles:—o actual ministro da marinha contra-almirante José Pinto da Luz foi promovido a vice almirante; o vice-almirante José Marques Guimarães foi promovido a almirante e o contra almirante João Justino de Proença, que constitue hoje uma das legitimas glorias da nossa marinha, foi nomeado para o importante cargo de chefe do estado maior general da armada.

Esse facto enche-nos de orgulho, pois sempre nos alegramos quando vemos um conterraneo elevar-se ás mais altas posições sociaes pelo esforço proprio, pelo merito, pelo valor pessoal.

Sobre o contra almirante Proença o *Paiz* publicou traços biographicos, nos quaes são salientados factos importantes da carreira militar desse illustrado catharinense.

Invocação

E' este o titulo de um folheto nitidamente impresso no «Gabinete Brazil» de propriedade do nosso amigo Dorval Alves, e que contém a conferencia realisada na séde da *Associação Beneficente Irmão Joaquim* pelo professor Luiz Neves—em favor dos soccorridos pela alludida sociedade, que tão assignalados serviços tem prestado aos desherdados da sorte, exercendo a Caridade—a sublime virtude.

O seu intelligente autor desenvolve em alevantado estylo, o thema: O que seria o Mundo sem pobres e o que são os pobres?

Agradecemos o exemplar que teve a gentileza de nos enviar.

Para S. Francisco seguiu o nosso collaborador Pedro de Freitas Cardoso.

EMILIO ZOLA

Está averiguado que este grande escriptor foi victima de asphyxia pelo oxydo de carbono.

Os medicos chamados pela criadagem, ao penetrarem no dormitorio, sentiram o cheiro caracteristico daquelle gaz infeccioso, que tambem matou um cachorrinho que costumava dormir juncto ao leito do romancista.

Os peritos constataram defeitos no calorifero, defeitos estes que produziram o desprendimento do oxydo de carbono.

A autopsia de Zola estabeleceu a ultima prova da asphyxia por este gaz.

A *Liga dos Direitos do Homem* já iniciou a campanha para uma subscripção nacional, afim de erguer-se a estatua de Zola.

Dizem que Napoleão encontrou um dia um velho soldado maneta, e perguntou-lhe onde tinha perdido o braço.

—Sire, em Austerlitz.

—E foste condecorado?

—Não, Sire.

—Então, aqui tens a minha cruz. Faço-te cavalheiro.

—Vossa Magestade faz-me cavalheiro porque eu perdi um braço. Que me faria se eu perdesse os dois?

—Oh! nesse caso far-te-ia official da Legião de Honra!

A estas palavras o soldado desembainhou subitamente a espada e cortou o outro braço...

A historia pára neste interessante ponto, e nós podemos imaginar o assombro de Napoleão ao ver o homem cortar o braço com o outro que tinha sido obrigado a deixar em Austerlitz.

Obra de caridade

Em nosso escriptorio abrimos hoje uma subscripção em favor da familia do nosso pranteado amigo Manoel Bernardino Varella, appellando para o generoso coração catharinense, que estamos certos, não se negará a pratica desta obra de caridade.

Philarmonica Operaria

Festejou no dia 12 o primeiro anniversario de sua fundação a *Philarmonica Operaria*.

Por esse motivo tocou á alvorada e ás 10 horas dirigiu-se a matriz onde ouvio a missa conventual, tocando bellissimas marchas.

Em seguida cumprimentou a sociedade musical *Amor á Arte*, pelo 6° anniversario que passou no mesmo dia, retirando-se acompanhada pela sua co-irmã.

Não pode concluir a festa, por motivo do fallecimento do respeitavel cidadão Manoel Bernardino Varella que era socio da *Liga Operaria*, á qual está a *Philarmonica* annexa.

O *Sul Americano* um pouco tarde embora, envia á *Philarmonica Operaria* as suas saudações desejando-lhe um brilhante futuro.

Amor á Arte

Esta sociedade musical commemorou no dia 12 o sexto anniversario da sua fundação, recebendo por isso os cumprimentos de sua co-irmã *Philamonica Operaria*.

A' noite fez retreta em frente á sua séde, que se acha-a vistosamente ornamentada.

Nossas saudações.

ECLIPSE DA LUA

A 17 do corrente haverá um eclipse total da Lua, o qual começará a 1 hora da madrugada, sendo todas as suas phases observaveis se o estado da atmosphera o permittir.

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

Sonata d'alma

XXIV

Onde estaria José Francisco no dia em que o apparelho receptor de The Western Telegraph Company Limited, nesta capital, inscrevia o telegramma que Raul expedira de Barcellona ?

— Provavelmente no seu gabinete, occupado com alguma composição musical ou desferindo saudosas melodias do seu inseparavel violino, dirá o leitor.

Entretanto, tal não acontecia; e grande será a sua surpreza quando souber que o carteiro do telegrapho dirigindo-se á casa de José Francisco, encontrou-a fechada, e de mais a mais com o signal de que estava para alugar. Informando-se na venda da esquina, poude apenas colher que o moço desapparecera por assim dizer da noite para o dia. Voltou, por isso, com o telegramma para a estação.

Que teria succedido ao amigo de Raul ? que motivos o teriam forçado a ausentar-se assim inopinadamente, quando mais razoavel seria esperar pelo telegramma do seu amigo, conforme o que havia sido combinado ?

Quantas vezes, porém, um facto inesperado vem transtornar os nossos planos, obrigando-nos a seguir uma senda diversa da que contavamos trilhar !

E foi o que succedeu-lhe.

Uma noite, cêdo ainda, voltava elle para casa, quando ao passar pelas proximidades do convento notou que uma das salas desse vasto edificio estava, contra o costume, illuminada.

Approximou-se então do portão do jardim, e aos seus ouvidos chegaram vozes diversas em animada conversação.

Sentindo uma inexplicavel curiosidade de saber o que lá dentro se passava, José Francisco tentou abrir o portão, mas elle já estava fechado á chave

Não desanimando com essa contrariedade, agil como era, galgou o muro, e penetrando no jardim adiantou se cautelosamente, favorecido pela sombra das arvores, até junto das janellas illuminadas.

Mas estas eram do primeiro andar, e por isso o interior da sala continuava inaccessivel ás suas vistas indagadoras.

Felizmente para elle, uma soberba casuarina estendia os seus ramos bem por defronte de uma dellas.

Rapido como o relampago, descalça-se José Francisco, e abraçando-se ao tronco da arvore consegue em breves momentos chegar á altura desejada.

Qual não foi o seu pasmo quando descortinou a scena que já conhecemos: frei Zacarias hypnotisando o rapaz cosinheiro, e uma meia duzia de frades acompanhando boquiabertos os effeitos admiraveis da suggestão !

José Francisco não comprehendeu a principio o motivo daquella sessão, mas quando começou frei Zacarias a interrogar o hypnotisado, logo a luz se fez no seu espirito: tratava-se de Raul.

Adiantando-se o mais possivel sobre o galho da arvore, chegou a menos de dois metros da janella. O ruido do vento nas folhas da casuarina abafava o estalido dos pequenos ramos que se partiam ao peso do seu corpo.

Assim pôde elle ver e ouvir tudo perfeitamente.

Quando terminou a sessão, e frei Zacarias ordenou que o rapaz fosse levado ao jardim para restabelecer as forças que havia perdido no esforço que fizera, José Francisco, para não ser descoberto, ia effectuar a sua retirada; mas deteve-se ainda um instante ouvindo o que o irmão visitador dizia a frei Zacarias.

Então, desceu do seu escondrijo, saltou ligeiro para a rua.

A noite estava bastante escura, e o lampeão mais proximo apagara-se.

A passos largos seguiu o caminho de casa, dizendo comsigo:

—Teria eu ouvido mal ? Pois que ! esse homem já alquebrado pela idade vai deixar o convento, anima-se a uma longa viagem . . . e, no fim de contas para que ? para interpôr-se entre dois corações que se amam; para roubar-lhes a felicidade que almejam. Que cegueira ! Que fanatismo ! E è esse homem ministro de um Deos de amor e de bondade ! Mas não ! não será assim ! Uma vez que possúo o seu segredo, devo tomar-lhe a deanteira.

Assim pensando, chegou à casa.

Logo pela manhã seguinte foi procurar um seu intimo amigo, um moço que costumava acompanhal-o ao violão, e ao qual expoz em segredo a viagem que era obrigado a fazer. Ficaria a cargo deste o que pertencia áquelle : o violino, as musicas e os modestos moveis.

Sem se despedir de pessoa alguma, tomou o primeiro vapor para o norte. O que elle queria era adiantar-se ao frade; e comquanto não soubesse ainda exactamente o paradeiro de Raul, tinha entretanto esperança de que o futuro lh'o revelaria.

Mas, mal havia o vapor transposto a barra do norte, quando elle viu sahir de um camarote um velho enfiado em um comprido casacão, tendo na cabeça um gorro de velludo preto bordado a ouro, e sobre o nariz um par de oculos escuros.

A emoção de José Francisco foi tamanha ao ver esse individuo, que encostou-se a uma meza para não cahir.

Tinha reconhecido o irmão visitador.

(*Continúa*)

J. Taborda.

Dizia um vendedor de cavallos a um sujeito que precisava de um que fosse ligeiro:

— Aquelle cavallo que ali está pastando, Sr., faria a trote uma milha em tres minutos se não fosse uma cousa.

—Realmente, disse o comprador.

—Sim, continuou o outro, na primavera passada elle fez quatro annos, está em boas condições, enxergo bem, e faria uma milha em tres minutos se não fosse uma cousa.

—O que é então ?

—Aquelle cavallo é um bom cavallo, tem um excellente trote, e todavia ha só uma cousa que lhe impede o fazer uma milha em tres minutos.

—Com mil raios ! qual é então essa cousa ?

—A distancia é muito grande para o tempo, respondeu o vendedor.

FOLHETIM

PINHEIRO CHAGAS

TRISTEZAS A' BEIRA-MAR

V

Abriu-se a janella de subito e o rijo sopro que entrou apagou instantaneamente a vela.

—Jesus, Leonor ! bradou Magdalena, louca de susto e abraçando-se á irmã.

Leonor, pallida tambem, procurou com voz tremula animal-a, mas a pobre menina não a escutava e collava-se-lhe ao corpo convulsa de pavor. Um segundo relampago illuminou aquella scena angustiosa. A essa livida luz pôde Leonor ver o assustador estado de sua irmã. O vento furioso, que entrara pela janella, desatara-lhe as tranças que lhe fluctuavam em ondas pelas costas. O rosto pallido tinha não sei que expressão de desvairamento, os olhos parecia que lhe saltavam das orbitas, os dentes batiam-lhe uns nos outros, como se uma sezão a agitasse. E o espectaculo do temporal parecia ao mesmo tempo exercer sobre ella fascinação singular; não podia desfitar a vista anciosa do horizonte illuminado pelo esplendor infernal dos relampagos.

Leonor, apezar do seu denodo varonil, não se poderá esquivar a uma impressão de medo, e mais assustada ficou ao ver o estado quasi epileptico de sua irmã. O medo é contagioso. Por isso foi com voz que tremia bastante que Leonor lhe disse, apertando-a ao peito :

—Que loucura é esta Magdalena ? Creança ! Pois assim te assustam os trovões ?

—Não, não dizia Magdalena com voz que não parecia humana; foi que a vi... vi-a nesse relampago... ai ! tão triste como quando morreu, mas severa como me não lembro de a ter visto nunca !

—De quem falas, Magdalena ? perguntou sua irmã, sem poder reprimir um movimento de susto.

—De nossa mãe, Leonor... não a vês além, além, envolta na mortalha e fluctuando nas vagas ? Oh ! como ella fita em mim um olhar sinistro. que melancolia a do seu rosto ! Oh !

E'tapando os olhos com as mãos, desatou a chorar. Leonor era animosa, mas accessivel a todos os terrores das poeticas superstições com que a tinham embalado. Acreditava sinceramente que em noites de temporal os mortos fluctuavam de vaga em vaga, gemendo e pedindo aos vivos uma oração, uma saudade ou uma lagrima

Por isso, murmurando por entre os labios as phrases truncadas de uma prece, não fez mais do que apertar Magdalena bem ao peito e dizer-lhe:

—Sim, filha, sim, rezemos, rezemos, que a oração consola !

—Tambem tu a viste, Leonor ? acudiu Magdalona, desviando as mãos dos olhos e cravando-os em sua irmã. Tambem fitou em ti aquelle olhar torvo ? Oh ! não, não; bem o sei; foi só a mim, a mim, que sou a precita, a amaldiçoada !

—Socega, Magdalena, socega minha irmã. Alucina-te este espectaculo, a que não estás habituada. Deixa-me fechar a janella e accender luz.

—Não, não, tornava Magdalena, relanc ando em torno de si os olhos assustados; não te afastes de mim, não me deixes só !

—A luz dissipará o terror que as trevas te causam, minha irmãzinha.

—Pois sim, acudiu-lhe esta, mas eu vou comtigo, eu ocompanho-te.

—Pois vem.

E ambas, bem agarradas uma á outra, foram buscar phosphoros para accenderem as velas. Iam para fechar a janella, mas Leonor reteve sua irmã e disse-lhe em tom grave;

—Não é bom cerrar os postigos, Magdalena, quando os mortos fluctuam no Oceano. Seria uma injuria cuspida nas faces do phantasma, e tu não queres injuriar a sombra da nossa mãe; não é, minha boa irmã ?

—Não, mas tenho medo !

—Pois chega-te para ao pé de mim, irmãzinha ; senta-te aqui e rezemos por alma daquella santa !

(*Continúa*)

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

Rabiscos

Ha pessoas que teem sempre resposta engatilhada para desfechar—á guiza de tiro — sobre quem lhe joga qualquer pergunta, com algum sentido occulto. Resposta esta envolvida em espirito fino, e tão bem dada, que o interrogante fica de *cara á banda* e triste como o perú velho que não póde mais levantar a crista!

E' verdade, tambem, que esses *freguezes* encontram, ás vezes, quem lhes dê uma resposta á resposta, que fazem os *malandrões* ficar sem ter resposta a dar a resposta da resposta—soltando uma risadinha a Monet de Sousa sem saborona que denota desconcerto.

O meu comadre Canuto era dos taes.

Estava sosinho, era se com uma resposta *adequada ao caso*, como muita gente diz.

Tornou-se por isso conhecidissimo, popular, e num momento dizendo que eu mortalisou se.

Sim, porque ha certas coisas que levam um homem á posteridade.

E as respostas do meu comadre Canuto tornaram o seu nome imorredouro, da mesma fórma que os ovos de avestruz immortalisaram o velho Moreira.

E era um pandego, o meu comadre.

Mas um dia o tranquo sahiu-lhe as avessas, como passo a relatar

O Canuto era um rapaz expansivo, sempre prompto para a troça.

Onde elle se achava ninguem estava triste.

Sempre tinha uma pilheria com ar, boa resposta na ponta da lingua para qualquer pergunta que se lhe fizesse.

O *quéra* agu nfou-se nesse boa vidinha até aos quarenta annos.

Um dia me disse que resolvera casar-se. Quiz dissuadil-o, mas não houve meios de demovel-o do proposito em que estava. Lembrei-lhe que o casamento roubava-lhe a liberdade, descrevi-lhe a figura horrenda da sogra etc. e tal.

A tudo isso deu-me uma das suas costumadas respostas, deixando-me sem assumpto e de fórma tal que acabei concordando com a resolução por elle tomada.

Fui testemunha do seu casamento e padrinho do seu *primogenito filho*—como é moda hoje dizer-se.

A sogra do meu comadre, que morava em localidade distante d'onde elle residia, appareceu-lhe um dia á porta, dizendo-lhe que resolvera fixar residencia ali, e em companhia da sua unica filha, que era a esposa d'elle.

O Canuto achou isso um *canudo* mas... que fazer?

Teve de aguentar a trouxa da sogra, instalando-a em um dos aposentos de sua casa.

Viveram muito bem os primeiros mezes. Mas a sogra do Canuto tinha cabellinho na venta!

Por *dá cá aquella palha* soltava a *tyranna* no genro, que via se bambo para fugir aos botes que ella lhe lançava com a lingua comprida e afiada, lingua de sogra!

Não podendo aturar *aquelle inferno*, como elle dizia, resolveu um dia fazer frente á megera, gritar, esbravejar, para ver si assim ella mudava-se.

E não é que o Canuto perdeu a cartada!

Elle que nunca achara quem lhe posesse a *cara á banda*, com uma resposta á sua resposta, no dia em que *fez-se de homem* com a sogra, deixou cahir a crista, teve de arripiar carreira!...

—A senhora não passa de uma regateira muito atrevida. As suas faces rubicundas, inflammadas pelo desespero, assemelham-se a dous grandes tomates maduros—megera d'uma figa! Eu vivia n'um paraiso, e a senhora, com a sua alma de gato, transformou este *eden de delicias*, em verdadeira caldeira de Pedro Botelho!...

Canuto despejou este palavriado nas bochechas da sogra, gesticulando, n'uma noite em que ella esquendera o chapeu para o genro não sahir de casa!

A sogra furiosa, retorquiu-lhe:

—*Seu pelintra*, se me diz uma palavra mais, atiro-me da janella abaixo!

O Canuto pegando-lhe na palavra, lembra se de uma das taes boas respostas e chimpa com ella á cara da velha, que estava como uma jararaca:

—Minha sogra, sem ceremonia, por Deus não se contrarie na primeira vez que tem um bom desejo!

E ficou embasbacado, sem pinga de sangue, vendo a sogra encaminhar-se para o quarto, dizendo:

—Meu genro está enganado. Esta asneira não faço eu. Não escangalho o *corpinho*, que Nosso Senhor me deu!

—E fala rimando a damnada da centopeia! Vai-te!.

E deu-lhe as costas, fazendo-lhe figas!...

Conclusão: O comadre Canuto continuou a aturar a sogra, que annos depois morreu devido a um cancro que lhe veiu na ponta da lingua!...

E quem está livre de passar os maus bocados que o comadre Canuto passou, porque não sabe dar boas respostas e é amigo do celibato por causa da sogra—é o pantagruelico

Turibio.

ESTREITO

A commissão encarregada das obras da capella de Santa Cruz, tem sido incansavel pela conclusão dellas.

A 9 do corrente foi collocado o madeiramento do telhado, com grande assistencia de catholicos, que, em regosijo, queimaram grande numero de foguetes.

O G. D. P. *Cruz e Souza* prepara magnifico espectaculo, levando a scena o apreciado drama *Modelo Vivo*, em beneficio ás obras d'quella capella.

PARABENS

A 11 do corrente festejou o seu anniversario natalicio o nosso dedicado socio tamanqueiro e distincto amigo Firmino Theotonio da Costa, um dos fundadores do nosso periodico; a 12 a senhorita Hermelinda da Silva Brasinha

Festejaram tambem seus anniversarios: hontem a exma. sra. d. Maria José de Oliveira Coelho, esposa do nosso espregado Joaquim Coelho, e o cidadão Fernando Wendhausen, hoje, o nosso amigo tenente Joaquim Piracuruca e a senhorita Hyponina Brasinha, a 16 a exma. sra. d. Candida da Costa Linhares, irmã do nosso amigo Francisco d'Assis Costa, editor do «Sul-Americano.»

O Acre

O governo do Chile declarou que não foi consultado, nem se preoccupa com a questão do Acre.

Apezar dessa declaração, a imprensa assegura que a intervenção do governo chileno se fará de accordo com a Argentina e Perù.

El Mercurio, jornal que se publica em Santiago, diz que a intervenção dos Estados Unidos obriga uma alliança entre o Chile, Republica Argentina e Brazil.

PARNASO

MOTE

O talento se eterniza,
Deslumbrando as gerações.

GLOSAS

A Virtude divinisa
a alma que tem por norte:
como ella, vencendo a morte,
o talento se eterniza.
Almo Sol esplendoroso
com seo brilho magestoso
illumina as multidões
e por entre hymnos e flôres
passa cheio d'esplendores
deslumbrando as gerações

— *Brazilia Silva*

Seja do que poetisa
cantando a nativa terra
ou do que subjuga a guerra
o talento se eterniza
na Historia que o divinisa.
E' elle o maior dos dons
que o Auctor das Creações
deu ao homem, que orgulhoso
de o ter, vai magestoso
deslumbrando as gerações.

— *Maria*

Passa e morre, como a brisa,
A belleza corporal;
Mas, por ser espiritual,
O talento se eterniza.
Do espirito separada,
A materia é transformada
Tão sòmente em podridões;
Mas o talento, de veras,
Perdura, através das eras,
Deslumbrando as gerações.

— *A. C.*

Tudo passa, como a brisa,
na terra bem tristemente,
pois n'este mundo sómente
o talento se eterniza!
O rico não deixa nome,
a virtude tem renome,
bem como o genio.....Camões,
cujo nome respeitado
tem o tempo atravessado,
deslumbrando as gerações.

J.D.

Para o proximo numero temos o seguinte

MOTE

Renda-se preito á Virtude,
—rica joia da mulher!

Logogriphos

A' Maria

Como pode a jurity
tão meiga, tão carinhosa,—9, 24, 5, 13, 17.
Sosinha na selva umbrosa
o terno amante esquecer?!—14, 9, 4, 3, 24, 15, 2, 10, 24.
Como deixar de gemer
as mguas do coração—16, 24, 21, 19, 6.
no soluçar d'afflicção,
si o terno esposo perder?!...—3, 11, 25, 20, 18, 24.
Ah! não tem risos a aurora
para esta infeliz Maria—10, 21, 5, 18, 22.
nem pode haver alegria
para quem tão triste chora!—24, 15, 7, 4, 9.
Inda que haja ali frescura,
flôres, perfumes, encantos,—1, 12, 21, 23, 8, 3.
resta no peito a amargura,
na vida só restam prantos!...

Brasilia Silva

—

Offerecido a eximio logogriphista tenᵗᵉ.-coronel F. de B. C.

D'ali nos vem o pabulo da vida,—3, 4, 6, 1, 2, 7, 5.
Sempre exposta ao perigo n'este mundo;—3, 6, 4, 8.
D'alli nos vem o cibo suculento;
D'alli se antolha o bárathro profundo.

Acteon.

—

A' Maria

Dizem ser attrahente—7, 1, 8, 4.
O olhar desta menina.—6, 7, 2
Que vive nesta cidade,—3, 5, 8
Sendo uma *flor* campesina.

Don Joan.

—

CHARADAS

A' Dante

Nunca mais charada alguma
tu has de inventar... nem esta!
pois sujo de sumaúma,
tu não deves ir á festa!—2.
Ser feiticeira ou ser saga
é ser, quem nega? é ser fada...
Esta é feda, embora traga
a fronte estygmatisada!—2
Si a minha gentil leitora
acha-se já mui cansada
tome d'esta xaropada
gostosa, consoladora!

— X. *P. T. O.*

A' Maria

A mulher e a mulher riam-se da mulher—2, 2.
O homem e o homem riam-se do homem—2, 2.
A mulher e o homem riam-se do menino—2, 2.

Eu Ripedes.

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina